

# Para Bracher, queda no superávit comercial interfere na negociação

por Ângela Bittencourt  
de São Paulo

Sem determinar o nível das reservas internacionais do País, Fernão Bracher, presidente do Banco Central (BC), admitiu que a queda no superávit comercial — e, portanto, das reservas — interfere nas negociações do governo brasileiro com os bancos credores. “A queda das reservas simplesmente não ameaça as negociações. Depende do tamanho da queda. A redução do superávit pode até dar mais calor às negociações”, diz, bem-humorado, o presidente do BC. “Neste caso, se for necessário a gente até tira o paletó.”

Bacher disse, ainda, que o Brasil deve voltar a conversar com o comitê assessor para a dívida externa brasileira — que representa os bancos internacionais e é liderado pelo Citibank, Lloyds Bank e Morgan Guaranty Trust — no início de janeiro. De acordo com o presidente do BC a posição que o Brasil defende junto aos credores é de li-

quidar, primeiro, a negociação com o Clube de Paris, para partir, em seguida, para a discussão do reescalonamento plurianual junto aos bancos.

Embora procurando escapar às perguntas sobre a reserva cambial, dizendo que a posição mais nova é a divulgada pelo BC referente a cerca de noventa dias, Bracher revelou sua preocupação com a queda das exportações. “O governo está fazendo um esforço no sentido de melhorar as exportações, por isso foram tomadas as medidas de ajuste do cruzado, com o objetivo de reduzir a demanda agregada que se verifica no mercado interno.”

Questionado sobre a possibilidade de o BC decretar a centralização do câmbio, com vistas a reduzir a saída de divisas do País, Bracher disse que “não estamos perto do controle de câmbio. Esta, porém, é uma medida que não se anuncia com antecedência. Algumas medidas de prudência podem ser aconselhadas, mas não sei se já estamos neste momento”.